



Jorge Curval

Nasceu no Porto em 1958.

Frequentou a FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto) de 1984 a 1987.

Quem contempla o céu como se contempla a si mesmo, procura nele reflexos de nenhum espelho. Embora fincados na terra, seus pertencentes, desde sempre nos erguemos para os céus, admirando-os com grande emoção e candura. E sendo finitos por natureza mas não de coração percorremos os horizontes dessa imensidão, imensurável imensidão escura e de solidão, até onde o olhar já não consegue alcançar, e depois mais, galopando o infinito em procura desse tesouro escondido tão difícil de encontrar. E é sorte sim o espírito continuar onde a vista já não alcança, pois como a realidade e a ficção, o real e o surreal se transpõem nas suas verdades, também é verdadeiro o espírito do homem que olha o nocturno céu estrelado e sonha, sonha e vive com a mesma força com que a longínqua estrela brilha, com que as raízes da imponente árvore se agarram à terra, com que o pequeno salmão nada contra as correntes do rio, nada com tudo o que tem e salta as quedas de água só para que possa ir desovar à nascente, e dar vida.

Afonso Curval/2012



Jorge Curval

Magic Circle



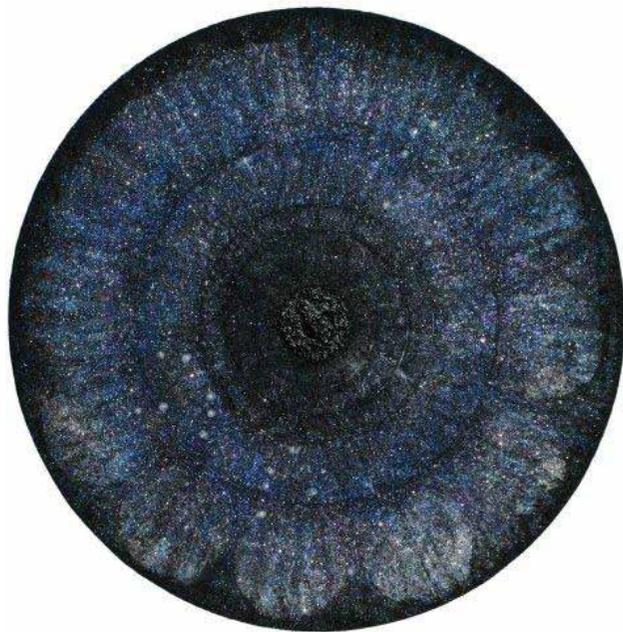
APARTE
GALERIA DE ARTE

Rua Miguel Bombarda, 221 | t: 351 220 120 184/5
4050-381 Porto-Portugal | f: 351 220 120 186
www.apartegaleria.com | e: geral@apartegaleria.com

APARTE
GALERIA DE ARTE

Quando os olhares artísticos se fixaram no intuicionismo, essa forma maléfica, hábil e talentosa de sabe fazer porque sim, porque se sabe bem, porque se Acorda e há um acordo tácito com a criatividade, abre-se o Olho: a Íris, numa miose tímida, contrai-se por via de facto de excesso de Luz, por Medo, por “respect” ou porque não gosta de café e de outras drogas fáceis... a íris, numa midríase alucinada dilata-se. Erétil e foca o cosmos numa vertigem sem medo, desrespeituosa porque gosta de “drugs”, da sedução, de espíritos complicados... é assim milenar, o diagnóstico através da observação da Íris, rolling eyes, r.e.m. e outras oframológicas expressões de arte cega, voyeurista, amestrada... para e por curadores! Na pintura, na poesia, na escrita em movimento que é o canvas circular, roleta russa, ali na persiana que esconde e entrevê no fluxo de fotogramas digital, o Eros da Terra vista das Luas. Agora a Noite cai num exército Interestelar de purpurinas de contornos Gástricos, de chuva Ácida de estrelas que ameaçam o Domus, a segurança do Lar. No FuscoLusco, o resto é Luz
Eu Quero um! Quem tem Olho é Rei.

Rui Reininho para Jorge Curval



Série “Domus”
Técnica mista s/ madeira
140 cm diam

No trajeto do sonho de Jorge Curval

Nesta viagem de sonho com Jorge Curval descobrimos com olhares deslumbrados a capacidade de expressão emocional do artista e apercebemo-nos das fascinantes descobertas sobre si num movimento projetivo profundo e doloroso, em condensações de elementos alicerçantes do seu psiquismo onde o círculo toma o lugar de centralidade simbólica: surpreendente e inesperado. Parte dum olhar perscrutador numa íris caleidoscópica carregada de luz e de reverie, que distancia e ao mesmo tempo atrai, numa inquietude pulsional de natureza sexual evidente, manifestando o desejo de troca e comunicação de olhares (“olha para mim...”) com sentimentos etéreos de inexistência psíquica. E neste impacto estético-emocional na sua, e na nossa atualidade sub-depressiva, presente-se de um erotismo denso, agressivo e suave, ou apenas apaixonado pelo provocar defendido mas não clivado no outro. Sentimo-nos invadidos pela interioridade dos movimentos inconscientes expressos, numa voracidade irrequieta e com uma subtileza técnica cuidada, a partir do conhecimento reflexivo internalizado das experiências prévias e do sentimento projetado de longos caminhos de introspeção refletidos em evolução. A mão de Jorge Curval que ora acaricia ora agride o interlocutor.

E como um passageiro dos seus próprios sonhos ou de si, projeta angústias precoces no círculo terra-mãe, com o negro arcaico, angustiante e atrativo, por onde também passam os seus pesadelos, expressando a necessidade íntima de confirmação de objetos internos seguros e protetores. Para em seguida, procurar na profundidade securizante da terra-mãe espelhada e no “oceânico azul” a matéria apaziguadora e maternal dos medos mais arcaicos: “morte”, isto é, o esquecimento... A reparação afetiva faz-se, através da recriação em arte de memórias afetivas das suas vivências infantis e não existem personagens neste percurso mas pressentem-se... no artista e nos processos de identificação do observador...

Os círculos formam-se, neste sentido, continentes de fragmentações de desvarios de exaustão física e mental, com fronteiras frágeis, pela possibilidade do desprazer destrutivo e ao mesmo tempo cumprindo a função elaboradora desta inquietante estranheza em Jorge Curval e possibilitando o conter da fuga ao abandonónico fractante.

“Permite-se” daí evoluir num mecanismo inconsciente sem culpa, de sublimação estética, para cúpulas arquitetónicas carregadas de luminosidade crepuscular e de uma enorme força plástica que caracteriza o artista, como que continuando a busca de limites protetores focalizando o olhar no negro central infinito. Criando-nos ainda assim, a sensação de dúvida permanente e de inquietação na utilização entrópica de materiais dilacerantes do interno e do real num labirinto existencial. Viaja e viajamos para um mundo mítico-onírico de ilusões transcendentais e ilimitadas. A capacidade de transformar o sonho em arte.

A Arte de Jorge Curval procura entranhar-se sem esforço nem resistência inconsciente numa sucessão de interioridade pictórica e num Insight tão doloroso quanto prazeroso que visa a plenitude dum espiritualidade consentida e integradora e com uma estética marcadamente deslumbrante. O círculo permanece e continua a encantar-nos na sua provocação de coreografia visual dos sonhos intangíveis do artista.

Deixemo-nos ficar no olhar e nesta vivência de sentimentos intensa num contraditório interno que se deseja interminável.

Cláudia Milheiro
Psicanalista